

## Tapetes de Aubusson

Mais uma feliz iniciativa teve o Museu de Arte Moderna colocando em exposição, na sua sala provisória do Ministério da Educação, um valioso conjunto de tapetes, de fatura a mais recente; são tapetes franceses da coleção Denise René, de Paris, e foram tecidos nos teares de baixo liço de Aubusson; o catálogo, aliás, não assinala que todos os tapetes expostos provêm desses “ateliers” que, há mais de cinco séculos, contribuem de maneira decisiva para o bom nome da tapeçaria francesa.

As fábricas de Aubusson são, efetivamente, das mais prestigiosas da França, delas, admite-se mesmo, teria saído a célebre “Dama do Licorne”, atualmente no Museu de Cluny; desde 1939 participando do movimento de reintegração da tapeçaria no antigo e verdadeiro espírito dessa arte, com a volta ao emprego de cores vegetais – reduzindo assim ao mínimo a utilização de colorantes químicos – com o uso de cartões decorativos e monumentais, mais adequados à sua técnica, Aubusson desfruta, no momento atual, de uma situação privilegiada.

As primeiras tentativas de Marta Cuttoli executando cópias de quadros de pintores modernos como Rouault, Picasso, Matisse etc., apesar do grande sucesso alcançado, eram ainda reproduções de pinturas de cavalete, não correspondendo assim ao ideal almejado. Logo após o pintor Jean Lurcat se dedica francamente ao estudo da fabricação dos tapetes introduzindo um novo estilo na indústria liceira de Aubusson.

Não somente Lurcat e os seus discípulos Saint-Saens, Picart le Doux etc., se aplicaram a essa aventura de renovação, também Gromaire, Brianchon, Marchand, Savin e tantos outros concorreram para esse renascimento que, na hora presente, se acentua na tapeçaria francesa; vários desses cartonistas tiveram obras suas expostas no Rio de Janeiro.

Os tapetes agora exibidos representam uma nova etapa vencida, obedecendo a um critério artístico e a um estilo diverso das experiências anteriores; executados sobre cartões de desenho muito simples, em cores puras e uniformemente estendidas, sem efeitos de intercalação de fios, sem “penejados” definidores de relevos, têm eles composição de caráter abstrato às vezes tão simples e desprovida que faz valer consideravelmente a matéria tecida e salienta as qualidades específicas da lã, esta “proteína de partículas muito bem orientadas”.

Assinam os cartões utilizados artistas famosos nas artes contemporâneas: Arp, Kandinsky, Le Corbusier etc.; cada um contribui com a sua personalidade, o seu complexo criador: tensão, vibração, harmonia. Cada um se baseia em experiências e atividades artísticas anteriores: Le Corbusier apresenta a sua lírica formal, “en dehors des duretés implacables de ce métier d’architecte”; Arp delinea na teia as sombras exíguas da sua escultura; de Kandinsky foram utilizados os seus próprios quadros de cavalete; Herbin realiza um conjunto de seres geométricos de uma simetria melancólica. Há ainda Mortensen, Dewasne, Pillet, Magneli, dois belos tapetes da autoria de Deyrolle e três outros animados da força inventiva de Vassarely.

As obras saídas dos “ateliers” de Aubusson agora apresentadas ao público brasileiro são tapetes de pequenas proporções, não foram projetados numa verdadeira destinação arquitetônica como as grandes colgaduras utilizadas na arquitetura civil gótica e que se constituíam de jogos de tapeçarias abrangendo grandes extensões.

Mais recentemente, entretanto, Le Corbusier mandou executar tapetes, por artistas indianos, para as suas construções de Chandigarh, cobrindo uma área de 600 metros quadrados; não sendo o objetivo do emprego de tapetes nos edifícios apenas decorativo, pois têm o fim mais específico de manter as salas menos frias e úmidas.

Ali estão na sala do Museu os modernos tapetes de Aubusson, com os seus vermelhos de “garança”, os seus amarelos dourados de “gauda”, os seus azuis de “pastel”: plantas que são atualmente cultivadas para o fim exclusivo de servirem à tapeçaria.

Ali estão para satisfazer à curiosidade de artistas, de estudantes e de homens comuns, numa admirável sinfonia de brancos e cinzas, de verdes, azuis e marrons, em superfícies quase mates, isto é, no reservado e modesto brilho da lã, que fica num dos pontos mais baixos da escala dos brilhos, muito aquém do brilho da cera ou do feldspato, mas, por isso mesmo, integrado na serenidade dos ambientes arquitetônicos.

Pena que esta exposição não seja completada com indicações tão necessárias a um certame dessa natureza, sobretudo para uso da grande maioria dos visitantes que teria assim uma informação completa sobre a importância e a atualidade desses trabalhos.

Para os tapetes de Aubusson, expostos pelo Museu de Arte Moderna, não há indicação sobre os “ateliers” de onde saíram: Tabard, Berthaux, Dumontet etc.; nem sobre a data em que foram tecidos e muito menos ainda sobre os nomes dos liceiros que traduziram para a lã a “escrita” dos grandes cartonistas modernos. Na Idade Média procedia-se com mais justiça; é sabido que a grande colgadura, comumente designada *O Apocalipse de Angers*, foi encomendada pelo Duque de Anjou, por volta de 1378, e executada sobre cartões de Hannequin de Bruges pelo tapeceiro parisiense Nicolas Bataille.

1956